

CATEGORIA/GENERO : CAUSO “ MAIS ENGRAÇADO”.

1º LUGAR :Yolanda Faustino

Nº INSCRIÇÃO: 011

Gagos e Surdos pagam ligações interurbanas mais caras.

Uma história real de telefonista

Meu nome é Yolanda Ferreira Lopes, e comecei a trabalhar na Telepar no início dos anos 60. Naquela época, a qualidade de transmissão das ligações interurbanas eram tão horríveis que a primeira atividade nossa era aprender a soletrar as palavras (as letras eram todas padronizadas) ex.

A de avestruz

B de beatriz

.

Z de zebra

Este alfabeto era padronizado para as 25 letras. Estou contando isto só para terem uma ideia que a transmissão era quase ininteligível.

Como havia poucas linhas os preços também eram caríssimos para cobrir os custos. Naquela época 03 minutos custava 80% do salário mínimo. Isto posto, podemos avaliar a dificuldade dos assinantes e a preocupação com os minutos falados. A telefonista acompanhava a ligação para descontar as repetições.

Este meu caso ocorreu em uma ligação para Uberaba (MG). Estas ligações eram feitas via Radional (circuitos rádios valvulados). Para completar a ligação passava-se o bilhete de ordem para o Rio de Janeiro, que por sua vez passava a Belo Horizonte que conectava Uberaba.

Fui chamada no gabinete do chefe de tráfego (Sr. Lass), o qual discutia com o assinante.

Sr. Lass argumentava que a ligação fora de 10 minutos, e o assinante gaguejava is...is.. is.. é u. u.u.u. um rou.rou. rou. Rou.rou.roubo. O Sr Lass, respondeu a Cia. Não tem culpa do sr.. é gago, o sr. usou as nossas linhas por todo este tempo.

Assinante – eu s.s.s.s.s.s.s.só s. s.s.s.s.s.s.ou ga.ga.ga.ga.ga.gago
quan.quan.quan.quan.quan.quan.quando fi.fi.fi.fi.fi.fico
ner.ner.ner.ner.ner.nervoso

Sr. Lass – D. Yolanda, a senhora que completou a ligação o que a senhora observou ?

Yolanda- De fato, a ligação tinha chiados e sumia a voz o assinante quando começou a falar não gaguejava, com o passar do tempo ele começou a gaguejar.

Sr. Lass – Diante deste depoimento a Cia. Lhe concederá um desconto de 3min.

Assinante incoformado – ban.ban.ban.ban.bando de la.la.ladrões. e foi embora.

CATEGORIA/GENERO : CAUSO “ MAIS ENGRAÇADO”.

2º LUGAR :Yolanda Faustino

Nº DE INSCRIÇÃO: 010

ASSINANTE FOLGADO

Certa vez, estava fazendo uma ligação via rádio para o Rio de Janeiro. Do Rio, alguém falava:

- Fulano, preciso que você me mande aquele dinheiro que está me devendo!
Apesar de eu estar ouvindo perfeitamente a conversa (consequentemente, o devedor, aqui em Curitiba também ouvia), só ouvia uma coisa como resposta:

-Alô? Alô? Não estou ouvindo nada! Telefonista, está ruim a ligação!

Mesmo após aumentarem o volume, fazer de tudo, o credor continuava tentando, sem sucesso, conversar:

-Tá me ouvindo agora? Me mande o dinheiro!! Ouviu?

-Alô? Alô? Moça, continua ruim a ligação! Não estou ouvindo!

Virei a chave para conversar com o interlocutor daqui. Assim, a outra pessoa não ouviria a conversa:

-Senhor, a ligação está perfeita! Ele está dizendo que é para o senhor enviar o dinheiro que deve, ele está precisando!

-Moça, já que você ouviu bem, mande o dinheiro você! Eu ouvi, mas não tenho esse dinheiro! Diga você que eu não tenho dinheiro!

CATEGORIA/GENERO : CAUSO “DESAFIO PROFISSIONAL”.

1º LUGAR : OSMAR ALBERTO KANITZ

INSCRIÇÃO Nº: 015

AMEAÇA DE CADEIA PARA QUEM CUMPRIU A LEI.

Como nos sábados não havia expediente na Empresa, eu me encontrava em casa.

Eram dez horas, quando recebi um telefonema. Era o técnico de comutação de Francisco Beltrão, que me disse: Osmar; Estou aqui na Telepar, na companhia de duas autoridades. Um advogado e o Comandante do quartel do exército de Francisco Beltrão. Eles estão me solicitando que se faça uma interceptação num determinado telefone, pois existe uma suspeita de sequestro.

De pronto eu perguntei:

- Eles apresentaram o ofício judicial para tal serviço?

- Não. Eles não têm o ofício, foi a resposta.

-Então não podemos atendê-los. Peça a eles que providenciem com o Juiz e nos tragam o ofício. Só diante do ofício da justiça, poderemos executar o trabalho.

- Mas eles insistem na execução do trabalho, alegando pressa por se tratar de sequestro.

-Só com o ofício da justiça para realizarmos a interceptação. São ordens explícitas da Empresa.

-Olha, o comandante quer falar consigo.

-Ok passe o telefone para ele.

-Sr Osmar, aqui é o comandante do exército Brasileiro. Eu necessito que vocês executem com urgência este trabalho, pois se trata de um sequestro e nós necessitados investigar.

-Comandante! Conforme instruções recebidas da Telepar, eu não estou autorizado a lhe atender, sem o ofício do poder judiciário. São ordens rígidas da empresa, por se tratar de lei federal.

No máximo que podemos fazer, é eu autorizar o técnico em realizar a interceção, mas ele só poderá lhe transmitir informações depois que ele tiver em mãos, o ofício do poder judicial.

_É... Você sabe que eu posso manda-lo para a cadeia?

- Sim senhor, eu sei. Hoje é sábado, não temos expediente e eu me encontro em casa.

Esperei a prisão, mas, nada aconteceu.

No dia seguinte, o técnico me informou que eles acabaram se conformando e deixaram as dependências da empresa.

CATEGORIA/GENERO : CAUSO “DESAFIO PROFISSIONAL”.

2º LUGAR : JOSÉ OSMIR FIORELLI

Nº INSCRIÇÃO: 002

UMA LIÇÃO INESQUECÍVEL

Estava eu me acostumando às lidas do Planejamento Empresarial, para o qual fora recentemente nomeado, quando surgiu uma tarefa tradicional daquela área: elaborar o texto do Relatório Anual da Diretoria, juntando as informações prestadas pela DO, DEF, DT, DA e DRH.

Com a prestimosa colaboração dos coordenadores de cada uma dessas áreas, logo se encontravam em minhas mãos todas as informações necessárias. Bastaria criar um texto único, bem estruturado e em linguagem adequada ao documento.

Confiante, elaborei uma primeira versão, encaminhada pelo Vice-Presidente, a quem me reportava, para a apreciação do Presidente: Dr. Gilberto Geraldo Garbi.

O Dr. Garbi tentou ler aquela proposta de documento, mas não suportou. Os erros de português o atormentaram tanto que ... desistiu! Devolveu o trabalho, com uma única determinação: na próxima tentativa, sem erros.

E o prazo correndo! A próxima tentativa só poderia ser a última!

Entro, então, em semipânico. Felizmente, com a preciosa ajuda do saudoso Luiz Rubens Karazinski, que trabalhava em sala próxima à minha e tomou conhecimento da minha angústia (sem dúvida, perceptível), consegui produzir uma nova e correta redação.

A enorme vergonha que passei mexeu com os meus brios. Passei a estudar português e, desta vez, decidido a aprender “de verdade”. O dicionário e a gramática tornaram-se meus livros de cabeceira.

Observo que o Dr. Garbi, com sua costumeira sabedoria e perspicácia, determinou a contratação de uma professora de português que, diligentemente, passou a assessorar as pessoas que precisassem produzir um texto capaz de sofrer ampla divulgação na empresa.

Devo muitíssimo ao Dr. Garbi por esse merecidíssimo puxão de orelhas. A partir daí, tornei-me mais atento ao que escrevia e aprendi a gostar de escrever com um mínimo de qualidade. Muitos anos depois, esse aprendizado revelou-se fundamental para a minha vida.

Também aprendi, com o episódio, que os melhores amigos são aqueles que não temem em chamar a nossa atenção quando isso se faz necessário. Com este relato, externo esse reconhecimento ao caríssimo ex-chefe.

CATEGORIA/GENERO : CAUSO “MAIOR REPERCUSSÃO SOCIAL”.

1º LUGAR : MARIA ANGÉLICA FONSECA

Nº INSCRIÇÃO: 014

O QUE FAZER COM O SÍLVIO ?

Na década de 70, trabalhava no Departamento de Serviços Gerais da TELEPAR, e por algum tempo fui responsável pelo Programa Guarda Mirim, que proporciona às crianças e adolescentes condições para participarem da sociedade de forma ativa e construtiva.

Um certo dia, ao voltar do almoço, encontrei um menino em pé em frente a minha mesa. Ao me dirigir até ele, olhei para o lado e percebi que os meus colegas de trabalho sorriam. Logo descobri que o sorriso que estampava os rostos dos meus colegas era devido ao traje exótico do garoto: calça boca-de-sino acima do tornozelo, casaco xadrez, chapéu coco, botas estilo “Jeca Tatu”. Além disso, ele trazia na mão direita uma malinha da época da minha avó, imprópria para a baixa temperatura do inverno de Curitiba. Parecia uma personagem de filme da década de 30.

Não deixei de perceber que aquela equipe não estava sorrindo para ele, mas sim rindo dele. De forma desdenhosa, o garoto perguntou:

- Quem é a Dona Angélica?
- Sou eu. No que posso ajudá-lo?
- Meu nome é Sílvio e eu vim em busca de emprego.
- Olha, Sílvio, aqui não é o Departamento de Recursos Humanos.
- Mas me disseram que a senhora acolhe meninos carentes. E eu sou um deles.

Expliquei para ele que a informação que lhe passaram não era correta; que a minha atividade na empresa era coordenar o Programa Guarda Mirim; que para trabalhar ali, ele deveria, antes passar pela Guarda e passei o endereço para que fosse procurar o responsável pelo programa.

Não tardou muito para que o Sílvio voltasse e me abordar. Parou na minha frente, abaixou a cabeça e seus olhos encheram de lágrimas. Em seguida, fixou seu olhar e me disse:

- O que vou fazer agora? Não tenho como ir até lá, pois vim de Céu Azul para tentar minha sorte na Capital, só com o dinheiro da passagem.

Naquele momento, percebi que ele estava sozinho e perguntei-lhe por sua mãe.

- Não tenho mãe - disse. Quando eu nasci, minha mãe me jogou no chiqueiro de porco e sumiu na vida. Minha avó me salvou e me criou até agora, mas ela está muito doente e não pode mais cuidar de mim.

Nesse momento percebi que os meus colegas não estavam mais rindo. Estavam petrificados! Até o silêncio era pesado... Pensei: Meu Deus!!! Como vou sair dessa situação? As dúvidas eram muitas. E se ele tivesse fugido de casa e inventado essa história? Então perguntei: - Você fugiu de casa?

- Não, dona Angélica, aqui está o telefone da vizinha da minha avó. Pode ligar para ela.

Peguei o número e liguei para vizinha, a qual confirmou a história. Fiquei ainda mais chocada.

O que fazer com o Sílvio? O destino impiedoso voltado contra a face daquele garoto inocente afrouxou o meu coração. A sorte dele era mal segura, sozinho poderia cair em desgraça. O seu sonho de ser um grande homem me comoveu. E o levei para minha casa.

Nas duas primeiras semanas, levei o garoto todos os dias para o meu trabalho. Como não tinha dinheiro para pagar almoço para nós dois, ficava sem almoçar para que ele pudesse comer. Não demorou muito para que o meu chefe me proibisse aquele comportamento. Mas, como não tinha onde deixar Sílvio, continuei levando-o comigo, mas o deixava na Igreja que ficava em frente ao

departamento. Depois de dois meses convivendo com essa situação, consegui um emprego para ele numa fábrica de parafuso, e o dono, um senhor de origem turca, oferece-lhe um quatinho para morar.

Sílvio viveu com esse bondoso senhor até completar 18 anos, ingressou no exército e, a partir daí, o sol começou a brilhar para ele. Foi enviado para Brasília, onde iria servir no Batalhão da Guarda Presidencial.

Depois de ouvir tanto "não pode, não pode", ele disse adeus a seu passado como um vencedor. E ainda que Silvio esteja ausente, na minha memória a lembrança de sua malinha e seu chapéu coco se tornou para mim o maior símbolo de perseverança e determinação.

CATEGORIA/GENERO : CAUSO "MAIOR REPERCUSSÃO SOCIAL".

2º LUGAR : JOSÉ OSMIR FIORELLI

INSCRIÇÃO Nº 006

A PRATIBANDA

Aconteceu por volta de 1974. Estávamos no oitavo andar, na sala da OAT (Assessoria da Diretoria de Operações). Antonio Carlos Marafon e eu éramos colegas de sala. Desfrutávamos de maravilhosa paisagem, pois o 8º andar (e o 17º) eram totalmente envidraçados.

Deveria ser por volta das dez horas da manhã, quando entrou a senhora que nos servia o café (cujo nome, infelizmente, não recordo). Assim que ela entrou, apareceu DO LADO DE FORA DO VIDRO, andando calmamente sobre a estreita pratibanda, um senhor.

Essa pessoa estava ali para fazer um serviço do lado externo dos vidros e não utilizava QUALQUER EQUIPAMENTO DE SEGURANÇA.

Marafon e eu entramos em pânico. O cidadão encontrava-se totalmente desprotegido a uma altura seguramente superior a 40 metros (o pé-direito dos

andares inferiores era bem superior ao padrão, porque comportavam equipamentos).

Nosso espanto misturado com medo não parou por aí. O indivíduo fez um sinal para a senhora do café e, com a maior naturalidade, sentou-se na pratibanda.

Os vidros dispunham de uma pequena janela provida de dobradiças, que se abria para o lado de fora. Por esse espaço, a senhora do café, sem demonstrar qualquer tipo de temor, passou-lhe uma xícara do precioso líquido. Ele, sentado na pratibanda, de pernas cruzadas, degustou o café como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

Sem dúvida, devia ser, para ele.

Eu permanecia parado, estarecido, mudo. O Marafon, mais proativo, desapareceu. Foi chamar a segurança que, em alguns minutos, já se encontrava em ação, retirando o temerário.

Naquela época, os cuidados com segurança dos empregados ainda engatinhavam e muitos profissionais desconheciam ou não compreendiam a importância de se utilizar equipamentos adequados.

Essa percepção confirmou-se, alguns anos mais tarde, com outro fato semelhante, ocorrido na Travessa Jesuíno Marcondes, onde eu trabalhava no último andar, no ODC-4 (Setor de Faturamento).

O Diretor de Operações, Dr. Del Fiol, marcou uma visita ao setor e, envolvido com os preparativos para recebê-lo, nem percebi que chegou um senhor com a incumbência de limpar as grandes janelas.

Ele sentou-se na janela aberta, e iniciou o trabalho pelo lado externo. Segurava-se com uma das mãos, perigosamente, na beirada dos vitrô. Com a outra, manipulava uma vassoura, em cuja ponta havia um pano molhado. Assim, esfregava os vidros.

Logo que entrou na sala, o Diretor arregalou os olhos e dirigiu-se, visivelmente preocupado, para a janela. Determinou àquele senhor que descesse imediatamente e fosse procurar um cinturão de segurança.

